

Do achelense, entre outros, possui um instrumento lanceolado, feito de uma lasca de quartzite, de trabalho esmerado, com a ponta muito adelgada, de 18^{cm},5 de comprimento, inteiro e sem sinais



Fig. 3

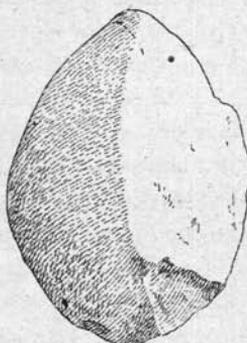


Fig. 4



Fig. 5

de uso. Do moustierense, também possui alguns utensílios, sobretudo raspadores.

Nas figs. 1 a 5 dá-se uma amostra de alguns dos instrumentos oferecidos ao Museu Etnológico: têm, respectivamente, o comprimento de 0^m,110; 0^m,115; 0^m,120; 0^m,130; 0^m,112. Os desenhos que serviram para as gravuras foram feitos pelo S.^{or} F. Valença, Desenhador do Museu. Os quatro primeiros são da herdade de Alfarófia; o quinto é da herdade da Comenda.

Como fecho desta nota quero mostrar-me reconhecido ao D.^{or} Leite de Vasconcellos pelo impulso que me tem dado para eu prosseguir nas minhas pesquisas arqueológicas.

Elvas.

LERENO ANTUNES.

Lição inaugural da cadeira de Arqueologia

SUMÁRIO:—1) Conteúdo e divisões da Arqueologia. 2) A Pre-história; sua utilidade, formação e métodos.

CONTEÚDO DA ARQUEOLOGIA:

Estuda a Arqueologia, cadeira que tenho a honra de começar hoje a reger, os *monumentos*, isto é, os objectos materiais que nos legou o passado. Com estes procura ela explicar as civilizações a que pertenceram, completar ou rectificar as conclusões a que chegou a História. E d'este modo, recuando além das fontes escritas, a Ar-

queologia veio ressuscitar as civilizações da pedra e dos metais, também chamadas pre- e proto-históricas; penetrando no campo histórico veio remodelar conhecimentos sobre a antiguidade oriental, desfazer erros tradicionais sobre a origem e cultura grega, tais como o decantado milagre grego e o da serenidade da sua arte, e esclarecer alguns acontecimentos da eterna Roma e dos tempos posteriores.

Companheira da História serve-se dos monumentos como aquela dos manuscritos, ligando os objectos como se fôsem frases, os espólios das estações como se fôsem passos de antigos autores.

Imprescindível se torna, pois, o seu estudo no conhecimento do passado, e sendo este, como é, necessário para a boa compreensão do presente, evidente se torna a sua utilidade.

CAMPO DE ACÇÃO: A PRE-HISTÓRIA:

Sciência histórica, absolutamente histórica, porque se ocupa exclusivamente das manifestações sociais dos povos, ela tem um largo campo de acção, tam largo que além dos capítulos que já enumerámos — pre-história, proto-história, arqueologia oriental, clássica, medieval, etc. — poderemos incluir no seu âmbito a *Numismática*, ou sciência das moedas, a *Epigrafia*, ou estudo das inscrições, a *História da Arte*, etc.

Impossível nos seria tratar de todos estes assuntos. E porque muitos fazem parte de cadeiras especiais desta casa — História Antiga, História da Arte, Epigrafia, Numismática, etc. — julgo conveniente dar a preferência à Pre-história para que V. Ex.^{as} levem desta Faculdade um conhecimento completo da evolução da humanidade.

E ainda porque a Pre-história nos dá a origem de certas crenças, nos mostra a filiação da arte na magia e nos prova que a sua técnica se iniciou pela imitação, que as figuras geométricas foram procuradas na natureza, o círculo na representação do sol, a espiral na da serpente. E finalmente porque, como já dizia Fustel de Coulanges, «ce vieux passé, c'est encore le présent: car le présent en est formé», porque na alma humana encontramos ainda muitos vestígios das antigas idades, porque os temos na nossa civilização e até na estrutura do nosso povo, aparentado muito de perto, ao contrário do que pensava Herculano, com primitivos habitantes do nosso torrão natal.

FORMAÇÃO DA PRE-HISTÓRIA:

A Arqueologia pre-histórica, Paletnologia ou simplesmente Pre-história, é uma sciência moderna, constituída nos meados do séc. XIX.

Não quiere isto dizer que na antiguidade clássica não tivessem já existido escritores que visionaram os princípios humildes da humanidade, pois que Lucrécio, na *De natura rerum*, nos dá uma viva pintura das sociedades primitivas e a ordem por que se conheceram os metais; não quiere isso dizer que o Renascimento, desenvolvendo o espírito crítico e o estudo da natureza, não tivesse com Mercati (séc. XVI) descoberto a verdadeira natureza das *pedras de raio* ou *ceráunias*, como então se dizia; não quiere isso dizer ainda que o séc. XVIII não tivesse com as viagens dos exploradores, particularmente com Jussieu e Lafitau, lançado as bases da arqueologia e etnografia comparativas, mostrando a identidade das armas de pedra europeias com as dos selvagens; mas quiere dizer, sim, que foi Boucher de Perthes, embora precedido sem êxito por John Frere, nas suas *Antiquités celtiques et antediluviennes*, o primeiro a proclamar com eficácia a existência de pedras talhadas devidas ao homem quaternário.

Mais de vinte anos foram precisos para fazer vingar essa verdade e só pela intervenção do geólogo inglês Lyell, autor de *L'ancienneté de l'Homme prouvée par la Géologie*, pela de Lartet, explorador da notável caverna de Aurignac e também autor duma memória sobre a antiguidade da espécie humana, pela de Gabriel Mortillet, fundador dos *Matériaux* e da classificação das primeiras indústrias humanas, ela foi aceite em todos os países.

Em Portugal teve a Pre-história cultores muito dedicados:

Pereira da Costa estudando as antas portuguesas (*Descripção de alguns dolmens*, etc.), Carlos Ribeiro agitando a questão do homem terciário e publicando os seus *Estudos pre-históricos*, Nery Delgado explorando as grutas da Furninha e Cezareda, levaram a um alto grau de esplendor os estudos arqueológicos em Portugal, abrindo o campo a outros investigadores, entre os quais devo salientar o D.^o Santos Rocha, que se occupou das antiguidades do concelho da Figueira, e o D.^o Leite de Vasconcelos, que fundou e organizou o Museu Etnológico, criou o *Archeologo Português*, e tem dado à publicidade notabilíssimos trabalhos.

MÉTODOS DA PRE-HISTÓRIA:—INVESTIGAÇÃO.

Para fazer Pre-história, isto é, para estudar um povo no período que precede os seus documentos escritos, o primeiro trabalho é naturalmente procurar no campo quaisquer vestígios dêsse remoto tempo.

É um trabalho ingrato, onde só há a contar com ligeiros indícios de natureza topográfica, toponímica e etnográfica.

Topográfica, porque o homem, fraco e mal armado, em luta com as feras e com os elementos, buscava então quasi sempre uma posição de fácil defesa, onde pudesse resistir ou estivesse abrigado, uma posição que oferecesse facilidades de vida: por exemplo, uma gruta, uma eminência não longe da água, um terraço na vertente dum vale, onde em geral, além de facilidades de defesa, não faltavam a caça para comer, nem pedra para utensílios.

Indícios toponímicos, porque alguns nomes de localidades recebidos de antigos monumentos, como entre nós *anta*, *antela*, *arca*, *orca*, *castro*, *castelo*, etc., orientam o investigador nas suas pesquisas.

Indícios etnográficos, porque certos costumes e lendas tiveram a sua origem em monumentos ou povoações subterradas ou desaparecidas às quais sobreviveram, e que por isso nos permitem ainda determinar a sua localização. Basta lembrar o que sucede com as lendas de mouros ou mouras encantadas, quasi sempre a encobrir uma antigualha pre-histórica.

O descobrimento dos monumentos ou duma estação é por isso muitas vezes obra do acaso.

A título de curiosidade devo, ainda, dizer-lhes que actualmente alguns arqueólogos se estão servindo, como processo de procura, do subconsciente, por meio da mediunidade e da escrita automática.

Sem me pronunciar sobre este assunto, não quero deixar de lhes contar o sucedido na restauração das capelas da abadia Glastonbury, a mais antiga de Inglaterra, narrado por Deonna no vol. XXI da *Revue Archéologique*.

Em 1908 Bligh Bond, encarregado dêsse restauro, não conhecendo sequer vestígios de alicerces, recorre à intervenção dum amigo que possuía a faculdade da escrita automática. A pouco e pouco os escritos dêle tornam-se precisos e indicam a situação exacta, as dimensões, a decoração, o plano, etc., do referido monumento.

Essas conclusões foram publicadas em 1918, e, o que é curioso, só dois anos depois os alicerces foram postos a descoberto e se verificou a exactidão do relato.

Dois casos a registar: o único documento escrito existente estava em contradição com o médium; as autoridades eclesiásticas agradeceram a Bond retirando-lhe a direcção das escavações, a pretexto de que só o diabo lhe poderia ter feito tam extraordinárias revelações!

Outros casos foram relatados por um arqueólogo consciencioso, Montandon, num seu estudo sobre a *Mediunidade ao serviço da arqueologia*.

Entre êles escolho o seguinte, cuja autenticidade é pelo referido autor absolutamente garantida:

Em 1914, numa casa de campo occupada ha mais de um século pela mesma familia, num dia de chuva, vários rapazes e meninas distraíam-se fazendo falar uma mesa.

Esta começa nitidamente a manifestar-se e revela que no parque tinha existido, no sec. I de C., uma estação galo-romana, que fôra destruída pelos barbaros.

A entidade que se manifestava, e dizia chamar-se «Vigna», afirmava que o seu cadáver tinha sido lançado num poço que tinha existido ali, de profundidade de 12 metros.

Procedendo-se a escavações, o poço, de que não existia nenhuma lembrança na tradição local, foi descoberto e confirmadas as afirmações de Vigna.

Sem entusiasmos, antes duvidando sempre, compete-nos registrar estes factos e averiguar da sua autenticidade.

ESCAVAÇÕES:

Encontrada uma estação pre-histórica torna-se necessário proceder a escavações.

Para isso o explorador munir-se há dos utensílios necessários, tais como caixas para objectos, bússola, fita métrica, facas, crivos, lanterna, maço de ferro, picareta, sonda, etiquetas, papel de embalagens, etc., e informar-se há da história da localidade, dos meios de comunicação, das lendas, tradições e práticas supersticiosas que lhe andam ligadas.

Em seguida procurará saber se já ali foram feitas escavações.

Outros dados não menos importantes cumpre recolher: determinação das coordenadas geográficas, levantamento, com auxilio da bússola, da planta do local, fotografias, medidas várias do monumento se acaso existir, natureza da construção, etc.

Feito isto, verificar-se há se existe qualquer objecto à superficie, e em caso afirmativo notar-se há com rigor as condições do aparecimento.

Inicia-se depois a escavação por um corte dos estratos, os quais devem ser estudados convenientemente e determinada a sua espessura.

Transportar-se há em seguida para fora toda a terra vegetal da primeira camada para ser cuidadosamente crivada. Êste trabalho deve ser vigiado, para se evitar que se lancem fora objectos pequenos que podem ser de grande valor scientifico.

O explorador irá registando, como se fôsse um operador cinematográfico, tudo o que encontrar e todas as circunstâncias que rodearem o achado.

Aos objectos mandará pôr etiquetas e acondicioná-los devidamente e conforme os estratos, tendo o maior cuidado com os crânios que deverá preservar do calor.

Explorado o primeiro estrato e crivada toda a terra proceder-se há à exploração do segundo, que é já de época diferente, tendo o cuidado de separar os objectos agora encontrados dos da camada superior e procedendo análogamente com as outras camadas.

É bom conservar, sempre que seja possível, um testemunho das camadas, para no caso de dúvida ou discussão científica se poder utilizar.

Terminada a escavação, proceder-se há ao estudo e classificação rigorosa do espólio desenterrado.

AUTENTICIDADE:

Sucede, porém, que nem sempre os objectos aparecem em escavações. Às vezes encontramos-os nas mãos dos coleccionadores, nas mãos dos negociantes de antigualhas, nas de particulares, ou avulsamente na terra revôlta. Torna-se então necessário verificar se são ou não verdadeiros, isto é, determinar-lhes a autenticidade.

A falsificação pode dar-se de dois modos: ou por uma fabricação moderna do objecto ou pelo enterramento dum antigo em sítio diferente.

Antigamente a corrosão dos mármore e a pátina (camada amarelada ou esverdeada que os objectos adquirem quando estão enterrados) eram para o primeiro caso testemunhos de autenticidade, mas hoje os falsários conseguem com reagentes químicos dar aos objectos êsse aspecto.

Torna-se por isso necessário compará-los com outros, não nos limitarmos aos caracteres extrínsecos, procurar possíveis modelos inspiradores do falsário.

O segundo caso de falsificação, e ainda as cópias modificadas, são difíceis de reconhecer, e por isso objectos que nos pareçam nessas condições devem ser dados como suspeitos.

INTERPRETAÇÃO:

Determinada a autenticidade, compete-nos fazer o exame directo ao objecto, localizá-lo no espaço e dar-lhe a devida interpretação.

De modo idêntico ao historiador, que examina o texto palavra por palavra, assim o pre-historiador examinará cuidadosamente o

objecto nas suas diversas partes, procurando compreendê-lo, determinar-lhe a utilidade, a significação, o valor da ornamentação.

Explicado o objecto, torna-se necessário collocá-lo no seu lugar, estudá-lo no seu meio. Isolado, êle seria como uma frase solta: não se compreenderia bem e seria susceptível de várias interpretações¹.

Para êsse efeito o pre-historiador lançará mão do *método comparativo* e do *método etnográfico*.

Pela comparação e formação de séries, baseadas em caracteres essenciais, relacioná-lo há com os objectos semelhantes e procurará determinar-lhe o devido valor.

Pelo método etnográfico, procurará aproximar os vestígios materiais das civilizações passadas dos tipos semelhantes que encontrar nos selvagens, cuja vida considerará, partindo do princípio da escola evolucionista que as mesmas necessidades determinam condições análogas, uma imagem da dos primitivos agrupamentos humanos.

Com efeito a semelhança de indústrias só se pode explicar, como quere a escola histórica, por expansões raciais, quando denota um alto grau de perfeição que as condições mesológicas não explicam, e não tenha atrás de si algo que represente quebra de rotina em que se possa filiar. Mesmo assim ainda pode ser devida a operações comerciais ou a influências lentas.

Últimamente alguns arqueólogos têm também pedido ao metapsiquismo a interpretação imediata dos monumentos. Assim, segundo escreve Deonna, utilizando a escrita automática um porteiro de Milão encheu uma página de caracteres desconhecidos que o professor Corresio verificou tratar-se do texto completo duma inscrição rúnica dum Museu, que, por estar partida, ainda não tinha sido lida. Por intermédio do médium, o chefe bárbaro a que a inscrição se reportava dava, diz-se, a sua tradução completa.

Alguns escritores encontram na *psicomètria* mais um método *supra-anormal* de interpretação arqueológica. Dizem êles que os objectos são impressionados, como uma chapa fotográfica, pelos factos com que estiveram em contacto, e que por isso estes podem ser apreendidos pelo médium como se fôsem uma realidade permanente. Êste método tem sido já utilizado para reconstruir o passado, evocar, por exemplo, a vida pompeiana, e com êle procurou Gayet esclarecer, mas sem grande êxito, as suas investigações nos túmulos de Antinoé.

¹ Já Edouard Gerhard dizia: «monumentorum artis qui unum vidit, nullum vidit; qui mille vidit, unum vidit».

Estes dois últimos processos não são em geral aceites, ou porque se não acredite na sua sinceridade, ou porque, sem negar os fenómenos, se consideram apenas uma acção do subconsciente, em que o médium se limita a reproduzir o pensamento dos assistentes.

Pondo de reserva o valor destes métodos, que precisam ainda de muito comprovados, entendo no entanto que a sciência não deve desprezar a mínima possibilidade de aumentar os meios de conhecimento.

CRONOLOGIA :

Interpretados e localizados no espaço os objectos, compete-nos a seguir localizá-los no tempo e determinar-lhes a cronologia. A cronologia pode ser: *relativa e absoluta*.

CRONOLOGIA RELATIVA :

Obtém-se, em Arqueologia pre-histórica, a cronologia relativa lançando mão do *método estratigráfico*, que se baseia no estudo dos terrenos e na sua posição relativa; do *método paleontológico*, que assenta na variação das floras e das faunas; do *método arqueológico* ou *tipológico*, que se firma na evolução das indústrias humanas.

Cometerá um grave erro quem der preferência a um destes métodos com exclusão dos outros, porque qualquer deles é só por si insufficiente.

Assim o *método estratigráfico* afirma:

1.º Que nas camadas sobrepostas as mais modernas são em geral as de cima.

2.º Que as aluviões dum vale são tanto mais antigas quanto mais elevado é o seu nivel.

Mas porque as camadas quaternárias são muitas vezes isoladas ou juxtapostas, de pequenas dimensões, e possuidoras, quando marítimas, de fósseis iguais às conchas actuais, porque as aluviões dos vales se encontram frequentemente remexidas, este método, embora o mais seguro, nem sempre pode resolver o problema da cronologia quaternária, como facilmente se demonstra entre nós na maioria das estações paleolíticas conhecidas.

O método paleontológico, fundado por Lartet, baseia-se no desaparecimento successivo de algumas espécies que permite o estabelecimento das épocas do Hipopótamo, do Mamute e do Rangifer, e na existência successiva no mesmo sítio de plantas e animais de climas quentes e de climas frios.

Simplemente este método não pode possuir grande rigor aplicado a uma época em que os climas se pluralizam e se dão migra-

ções, porque pode suceder haver faunas diferentes sincrónicas, e idênticas que o não sejam; e ainda porque se desconhece o poder de adaptação da vida de então.

O método arqueológico mostra-nos a seqüência das indústrias, a da pedra lascada, antes da polida, e esta antes da dos metais, e, baseado nos tipos dos instrumentos, pode em cada época fixar diversos períodos.

Contudo o seu valor é apenas local, porque indústrias diferentes podem ser contemporâneas em diversas regiões da terra, pois a sua evolução, embora lógica, lenta e progressiva, está dependente do factor humano, do material, da localização, etc.

Do que temos dito resulta que todos estes métodos apresentam vantagens e defeitos. Se por si só são deficientes, combinados podem no entanto conduzir-nos a uma classificação geral dos tempos quaternários. Dêste modo, à Geologia e Paleontologia pediremos o esquema geral dessa época, e dentro do quadro que essas sciências nos derem iremos, conforme as regiões, colocando as sub-divisões, baseando-nos para isso no *método das séries* e no *método tipológico*.

Com efeito, nem todos os objectos duma camada homogénea são sempre contemporâneos. Só o são aqueles que apparecem muitas vezes juntos. Os outros são mais modernos ou mais antigos.

Suponhamos que em três grupos de escavações se encontraram os seguintes objectos: no 1.º—*A, B, C*; no 2.º—*B, C, D*; no 3.º—*C, D, E*. Os objectos *A, B, C*, devem ser contemporâneos, visto apparecerem juntos. Os objectos *D* e *E*, ou são mais antigos ou mais modernos, sendo de notar que *D* é contíguo de *A, B, C*, e *E* separado dêles por um período.

Procura-se assim estabelecer a genealogia das indústrias e formar como que uma cadeia de tipos, cujos elos se vão afastando conforme as maiores ou menores semelhanças com o grupo inicial.

Para introduzir a cronologia nesta seriação, isto é, para saber quais os objectos mais antigos e quais os mais modernos, servir-nos hemos da *tipologia*. Esta, partindo do principio de que a evolução nas indústrias se dá do *simples para o complexo*, e do *orgânico para o esquemático*, poderá determinar então a idade relativa de cada um, tendo no emtanto em conta as possibilidades de regressão ou decadência.

Um dos arqueólogos modernos mais notáveis, Oscar Montelius, utilizou-se muito do sistema das séries, e conseguiu até, por meio de sincronismos com objectos cretenses e egípcios, passar da cronologia relativa à absoluta, que se expressa em unidades de tempo.

Realmente, se soubermos quais os objectos usados em certo local ao tempo, por exemplo, da III dinastia egípcia e quais os usados ali ao tempo da XVIII, poderemos fazer uma idea da marcha da evolução e calcular, — e Montelius fê-lo com muito êxito —, em unidades de tempo, a data provável dum certo tipo industrial.

CRONOLOGIA ABSOLUTA:

De há muito se reclama para a Pre-história uma cronologia absoluta, isto é, uma cronologia expressa em unidades de tempo; mas a sciência actual, embora não considere o problema insolúvel, ainda se não julga em condições de poder, com segurança, resolver o problema. Várias tentativas têm contudo sido feitas nesse sentido, de natureza astronómica, biológica e geológica.

À primeira vista parece que os métodos astronómicos são os mais seguros, mas elles lutam com a dificuldade de encontrar um fenómeno geológico ao mesmo tempo relacionado com um astronómico mensurável e com a antiguidade humana. Croll, attribuindo as glaciações quaternárias ao último grande ciclo da excentricidade da órbita terrestre (máximo afastamento da Terra ao Sol) calculou que elas se teriam iniciado há 240:000 anos e que a sua duração teria sido de 160:000 anos, tendo por isso terminado há 80:000. Outros escritores têm também attribuído o mesmo fenómeno à precessão dos equinócios (obliquidade do eixo da Terra), mas, como não está demonstrado que as referidas glaciações tivessem sido originadas por qualquer dos fenómenos apontados, vemo-nos obrigados a pôr de reserva as conclusões destas teorias.

Não têm sido mais felizes aqueles que têm buscado uma cronologia absoluta na evolução biológica, pois os seus resultados, vagos e incertos, apenas têm servido para pôr em evidência as pequenas transformações sofridas pela vida a partir do quaternário e a pequenez desta comparada com a duração dos tempos geológicos.

Das tentativas baseadas em fenómenos geológicos, que são numerosíssimas, salientaremos aquelas que tomam por unidade o tempo necessário para depositar uma certa altura de sedimentos (por exemplo 1 metro em 650 anos, segundo Boule), e aquelas que se baseiam no avanço e recuo dos glaciares.

Rutot calculando à razão de 1 quilómetro, em 20 anos, o avanço e recuo dos glaciares, e considerando a Escandinávia o ponto de partida e os Carpatos o afastamento máximo da glaciação, encontrou um total de 139:000 anos.

Como os anteriores também estes métodos não merecem confiança,

porque partem do princípio, pouco provável, da continuidade e regularidade dos fenómenos geológicos, o que resta ainda por demonstrar.

Sem uma base rigorosa não admira que os métodos enumerados tivessem conduzido a resultados variados, e que os números assim calculados para a era quaternária oscilem entre 10:000 e 1.000:000 de anos.

Ultimamente Koppen e Wegener, tomando as migrações polares como causa do glaciamento, calcularam para o *wurmense* uma duração de 20:000 a 120:000 anos, para o *rissense* uma de 180:000 a 240:000 anos, para o *mindelense* de 425:000 a 480:000 e para o *gunzense* de 550:000 a 600:000 anos a. C.

Dêste modo, a era quaternária abrangeria o espaço de 600:000 anos e o homem existiria há 400:000 pelo menos.

E na verdade se compararmos os 25:000 anos do epiglaciário, engenhosamente calculados pelo Barão G. de Geer, por meio das formações de verão (lodo fino e escuro) e de inverno (lodo cinzento-claro) deixadas pelos glaciares, pelas moreias depositadas nas deteções dos gelos durante a estação fria, pelas capas de lodo do lago de Ragunda, etc., com os depósitos da idade do rangifer, aproximadamente da mesma espessura, e estes com os dos anteriores períodos do quaternário que assistiram às invasões glaciárias, ao desaparecimento dos grandes mamíferos, a modificações continentais, a cavamento de vales, a demolições de montanhas, correcções litorais, etc., teremos de concluir que não são exagerados os 600:000 atribuídos à era quaternária.

Bibliografia

- W. Deonna, *L'Archéologie, sa valeur, ses méthodes*, t. 1, 1912.
 — «Les sciences auxiliaires de l'Archéologie», in *Revue Archéologique*, XXI, 1925, p. 115.
De la méthode dans les sciences, Paris 1911, p. 199.
 Déchelette, *Manuel d'Arch. préhistorique*, Paris 1908, I, p. 2 sgs.
 D.^{or} A. Schenk, *La Suisse préhistorique*, Lausanne 1912, p. 10 sgs.
 Morgan, *L'Humanité préhistorique*, 1921, p. 23.
Manuel de Recherches préhistoriques, Paris 1906, p. 10 sgs.
 Camille Jullian, «Playdoyer pour la préhistoire», in *Revue Bleue*, n.^o 24, 5.^a série, t. VIII, de 14 de Dezembro de 1907.
 Boule, *Les hommes fossiles*, Paris 1921, p. 28.
 Obermayer, *El hombre fósil*, Madrid 1925, p. 398 sgs.

MANUEL HELENO

